

JOÃO LUÍS DIAS
COISAS QUE ME APETECE
DIZER




CALIDUM



JOÃO LUÍS DIAS

Natural e residente em Terras de Bouro, Braga. Publicou em 1988, 1992, 2005, 2008, 2011 e 2015, respectivamente, as obras “Ecos dum Silêncio”, “Sonho em Hora de Ponta”, “Antes que o Tinteiro Entorne”, “Um Poema, uma Flor”, “Coração de Algodão” (edição portuguesa), “Coração de Algodão” (edição brasileira) e “Olhares in Versos”, de conteúdos poético e crónica jornalística.

Foi redactor do jornal Geresão, de Terras de Bouro, Amares e Vieira do Minho, onde também assinou crónica regular e entre muitas colaborações contam-se as rádios RFM - Rádio Renascença, Lisboa e Voz do Neiva, Vila Verde e os jornais Correio do Minho, Braga e Vilaverdense, Vila Verde.

É com frequência convidado para recitais, seminários e conferências em escolas, desde o 1º ciclo ao universitário.

O seu percurso associativo e cultural motivou já trabalhos académicos.

Foi fundador da CALIDUM - Clube de Autores Minhoto/Galaicos e desde o seu início presidente da direcção.

Foi vencedor, em 2012, do prémio literário, alusivo ao Dia da Mãe, promovido pela Associação “Amatur” – Pico de Regalados.

Pelos seus envolvimento culturais, foi em 1999 homenageado pelo Secretário de Estado da Administração Local.

É funcionário do Instituto dos Registo e Notariado, IP e aluno da licenciatura em Relações Internacionais, na Universidade do Minho.

COISAS
QUE ME APETECE
DIZER

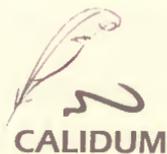
Obra patrocinada por



Agradecimento ao Município de Terras de Bouro

JOÃO LUÍS DIAS

**COISAS
QUE ME APETECE
DIZER**



Clube de Autores Minhoto/Galaicos

Título	Coisas que me apetece dizer
Autor	João Luís Dias
Capa	Autor
Edição	CALIDUM - Clube de Autores Minhoto/Galaicos 4840-100 Terras de Bouro calidum@sapo.pt
Depósito Legal	448977/18
ISBN	978-972-99556-7-9
Data de Saída	Dezembro/2018
Execução Gráfica	Graficamares, Lda. www.graficamares.pt

APRESENTAÇÃO

Neste meu 8^a livro, dum percurso de publicações que iniciiei em 1988, quis, para além de poesia e pensamentos, trazer “pessoas”; umas que retenho na memória e que me permitem um corredor pela infância e boas recordações, outras, atuais, que pelo seu percurso de vida, forma de ser, estar e dar, me ensinam todos os dias dos grandes valores humanos. Falo de algumas delas, estendidas ao longo das páginas que se seguem.

Aqui, em espaço e forma de agradecimento pela edição destas “Coisas que me apetece dizer”, falarei de uma pessoa que me é, há já alguns anos, amiga e inspiradora pelo caminho que tem e como o tem trilhado; uma pessoa que sabe ver o futuro pela mira do presente, de pés assentes na argamassa dos dias, sem horas e reservas que o prendam. E já o faz desde muito cedo; do início da idade adulta.

Nasceu numa aldeia da periferia de Braga. No tempo em que deveria, estudou, aprendeu, formou-se e quando se achou capaz, porque bebido do essencial, juntou-se, com os irmãos, à arte do pai, na construção civil.

Custódio Correia, de seu nome, é daquelas pessoas que, acredito, se em tempos passados tivesse vivido, quando ainda só o mar era estrada possível para o mundo todo, construiria um navio talhado pelas próprias mãos, aprenderia as leis da navegação por autoformação e não esperava pela encomenda do rei para ir à descoberta e conquistas, tal é a sua vontade de nunca se querer quieto à espera das marés...

Depois de alguns anos em associação ao pai e irmãos e de tantos e tantos projetos cumpridos na área da edificação urbana, sempre no primor da qualidade, da seriedade e com obra e méritos reconhecidos por todo o lado, Custódio Correia socorre-se da Universidade Católica do Porto para se valorizar ainda mais, adquirindo um MBA (*Master in Business Administration*), tornando-se Mestre em Administração de Negócios. Agora, sim, tinha todas as ferramentas necessárias para se fazer sozinho à estrada e mares, dando a mão ao sonho de alguns anos: construir o seu próprio grupo empresarial. E conseguiu-o.

Hoje o “Grupo Socicorreia”, composto por dez empresas, do qual Custódio Correia é Presidente do Conselho de Administração e dono de todo o capital social, é o maior grupo de construção e promoção imobiliária na Ilha da Madeira e uma das maiores construtoras de obras públicas dessa região. Tem área de intervenção e negócios de norte a sul de Portugal continental, nas Regiões Autónomas da Madeira e dos Açores e no Brasil. É um grupo empresarial reconhecido por todas as entidades públicas e privadas, pela enorme capacidade empreendedora, inovação, profissionalismo e seriedade. Tudo coisas grandes.

O amigo Custódio Correia nunca me negou apoio às minhas coisas da cultura, que eu sempre quis estender também pelas coisas iguais de outros autores. Mais uma vez contei com ele.

O meu agradecimento, também em nome da “Calidum”, a um homem à dimensão dos maiores e que sabe bem que os sonhos são também edifícios que se constroem...

O autor

PALAVRAS

São silêncios, são ruídos
são gritos em solidão
são início, são partida
são caminhos percorridos
horizontes, multidão.
São saberes que se eternizam
d'outras palavras ditadas
são cachos de uva, são vinho
são água que suavizam
sementes ao sol plantadas.
Palavras são as que sei
as que me elevam, que doem.
Palavras são as que quero
as que invento, que encontrei
que me ensinam, me constroem...
Palavras são frutos, conhecimento
são razão, se conseguidas
bem tratadas, respeitadas
são mesa de alimento...

APETECE-ME

Apetece-me
um lírio agreste
uma pedra da montanha
uma praia
um braço de mar
uma caravela
um vento a bombordo
um navio
a espuma branca
de uma onda inquieta.

Apetece-me
o sal, o sol, o luar
um perfume doce
salpicado no peito.

Apetece-me
o acordeão no gemer sostenido dum acorde.

Apetece-me
o beijo dos pombos no chão da cidade
e olhar a árvore verde
que se agita na rua cinzenta.

Apetece-me
sei lá...
saber de Paris
do sul, do nascente
do polo norte
do frio e do nevoeiro.
Apetece-me
saber de mim...
e saber dos lugares que não sei.
Apetece-me
tudo que me leve
às margens do sentir.

EXISTE

Existe um lugar
lá dentro
onde nos queremos eternos...
Existe um lugar
lá dentro
onde as cinzas permanecem.
Existe um lugar
lá dentro
onde somos para além dos gestos
do toque, do sol, da chuva, do vento
do cheiro das flores
do arco-íris, do sono.
Existe um lugar
lá dentro
bem no fundo, íntimo
onde existimos muito
e revelamos pouco.

BRAVO COMANDANTE

(a José Dias)

Como Dom Quixote, leal e destemido
vestes nos olhos combates, sonhos, utopias...
e ostentas no peito um escudo de aço
forrado com a pele da tua carcaça.
E fazes dos bravos os melhores!
E perfilas na frente dum pelotão de paz
ao perigo, sabido, das lanças pontiagudas
arremessadas pelo fogo desordeiro.
E lutas, e luta contigo o teu exército
como se uma árvore fosse um filho
como se o chão fosse um berço
como se um bombeiro fosse
o primeiro e último guardião da vida toda.
E mastigas o fumo negro dos ciprestes
saboreando o gosto amargo da vitória!

REFUGIADOS

Que se abra a estrada da paz
a quem foge do terror
que lhe plantaram na rua.
Que se acolha num chão seguro
a quem armadilharam o chão de medo.
Que se aconchegue num afago
a quem o mar bondoso
não depositou inerte e frio no areal.
Depois, só depois, muito depois
chamem as dúvidas e outras razões...
Mas não esqueçam que os filhos do mundo
pertencem a todo o mundo.

DA MESMA FORMA

Beberia das mesmas fontes
de águas levadas e de outras também.
Cruzaria os mesmos caminhos
alguns de pó, outros de pedra
e muitos mais, longos, de asfalto
que nunca soube onde chegavam.
Olharia as mesmas montanhas
o mesmo mar, as mesmas ondas
à mesma hora, ou sem relógio.
Amaria da mesma forma
quem amei e quis amar
sabendo-o bem, ou nem sabendo.
Sentar-me-ia no mesmo lugar
à espera do mesmo olhar
do mesmo abraço, do mesmo cheiro,
sonhando sempre, mesmo acordado.
Voltaria a procurar-me, a inventar-me...
Isto, faria igual, do mesmo jeito.
O resto, faria tudo da mesma forma.

BELEZA

Toda a luz
acende e se propaga
na imensurável leveza
arremessada
do teu olhar

VERSOS NO OLHAR

Há versos e prosas no teu olhar
e no peito e na boca um poema saciado.
Que procuras mais nas palavras?
Que mais te podem elas mostrar,
se soltas poesia ao respirar
quando ris, ou, mesmo triste, sorris
quando te sabem e te lêem,
quando te inventam e se perdem
em encantamento maior?
E outras palavras, outros poemas,
outros manifestos de emoção ou delírio,
nunca serão de versos grandes,
como os do poema maior
que sabes e partilhas.

ALECRIM DOURADO

Leva-me ao planalto do olhar
e mostra-me de lá, no horizonte
bem para lá da linha que o recorta
a razão maior do vestir deslumbrado dos olhos
quantos soltos no infinito...
Como encanta a luz acesa da cidade
ao entontecer da noite, que convida...
Como é evocador o mar
em ondas de sal e descobertas!...
Ah!, mas o alecrim da serra
crescido livre em chão de pedra
dourado ao sol da meia encosta
que adoça e farta favos de mel
e que embriaga de perfume o peito e a montanha
vale mais. Se vale!...

AO SOL

Se eu soubesse como
traria o sol para enxugar o céu molhado
e encher de luz a primavera entristecida.

Se eu soubesse como
colheria pela raiz flores proibidas da Babilónia
para tas plantar em canteiros originais
e rarefazer de aromas perfumados o teu jardim.

Se eu soubesse como
pousaria o meu olhar no teu
e beberia do teu sorriso
até me embriagar de encantamento!

Se eu soubesse como
adormeceria no teu colo
e só na maciez da tua pele despertaria
ao pulsar acelerado dos corações.

Se eu soubesse como
beijaria os teus lábios meigos
demoradamente em silêncio
sem pressa e sem tempo
como se num deserto calmo, ao vento distante,
de areias pousadas e quietas no chão
e um oásis a servir-nos em fonte franca o doce da nascente.

Se eu soubesse como...
dir-te-ia deste meu delírio
sentido e bom, solto do peito e das mãos.

REQUIEM

Quando o litoral um dia se fartar
as cidades cansarem do excesso
e as pessoas já não se identificarem
nas montras e nos espelhos;
os montes e as serras secarem no vazio
e adormecerem num perpétuo silêncio
saberão o mal que fizeram a um país.
E então poderá ser tarde para encontrar
tanta coisa que se perdeu
entre pedras caídas
e flores e memórias sepultadas...
E não estranhem depois
se o cuco não cantar no mês de maio!

MOTIVOS

Pela manhã
quando sol se espreguiça
no canto nascente do dia
vou presentear à janela o olhar.
Ao entardecer
quando o sol se pousa no poente
e acena a despedida
vou ao quintal agradecer-lhe
por me ter aceso o dia.
À noite
quando a lua se enche de esplendor
olho o céu e falo-lhe de sonhos...
Para encontrar
o que mais no fundo procuro em mim
iria, a qualquer hora
para lá da minha estrada
para lá do horizonte
para lá fim do mundo...

DIA SEGUINTE

A tarde já se havia cumprida
e o livro já se havia fechado para aquele dia.
Abre-se, então, a porta
para deixar entrar e pernoitar
quieto e aconchegado
no tempero da noite
o primeiro dos versos
garantidos no dia seguinte.
Porque um poema
tal como uma lágrima
não espera mais do que o tempo de enxugar.

NOSTALGIA

E vão-se as folhas sem querer
Sopradas do chão, aos molhos
Doridos ficam meus olhos
Ao outono entristecer

NINFA

Não é só um verso.
Não pode ser um verso apenas.
Um verso só não faz um poema.
E para ela
mais do que um poema inteiro
bordado de sede em seda
tem que haver em poema ímpar e maior,
se é a ninfa do mar
ao sul dos meus olhos...

ORQUÍDEA

Fervem nos olhos despertos
chuvas caídas dum céu de inverno
que depois adoçam.
Derrete no peito quente
o chão gelado dum glaciário
achado no fim do mundo.
Nas mãos afagam flores
colhidas antes do despertar do sono.
No jeito e génio agita a cordilheira
mas beija cada serra ao entardecer.
Tem nome como de flor
perfume de pétalas prensadas
mas é muito mais que um só canteiro
mais ainda que todo um jardim.

CHEIA DE GRAÇA

No peito as contas dum rosário
para a fé dum coração cheio de graça.

No cabelo as cores do outono
com a luz acesa do verão.

Na boca, recortada ao fio do esmero
o beijo apeteçido de mel e trigo.

Nos olhos o belo no seu esplendor maior.

O cheiro...

só pode ser o das flores.

POR DO SOL

Ao entardecer
quando o sol se acomodava no poente
e o dia queria apagar a luz
correu, lá longe
ao horizonte do sentir e do querer,
onde sabia encontrá-la.
Fechou os olhos
acendeu as mãos e as veias
para um golpe de desejo.
Abriu-lhe uma fenda no teu peito,
entrou, e amou-lhe o coração.
Depois, com a sede a reclamar
quiseram ainda mais chama acesa.
Mas foi ela agora quem fechou os olhos
e reacendeu e que era para reacender.

RUA DO MONTE

A rua onde eu nasci
Já não cheira a framboesas
Sobra o chão onde corri
Pedras e outras fachadas

PRELÚDIO DUM BEIJO

Encerram-se os olhos
ao sopro brando do querer maior.
No peito, aceso de razão
acelera o compasso dos corações.
Transpiram as mãos
ao toque e ao enlace.
Agitam-se nas veias
ondas temperadas de desejo
inquieta e revoltas num abraço.
Soltam-se as torneiras
pelas margens do sentir.
E as bocas, entontecidas
atam-se e seguram demoradamente
o beijo que construíram e quiseram.

BUQUÊ

Os teus lábios, cor de rosas
Se plantados num jardim
Medravam de flores viçosas
P'ra buquê de verso e prosas
D'uma beleza sem fim!...

DE SOL VESTIDA

Vestiu no rosto o sorriso e nunca mais o despiu.
Aos olhos levou o sol e o calor ficou neles.
Vive como se a vida não tenha lados sem luz
como se as noites fossem todas de luar.
E combate as cinzas dos dias sorrindo e acreditando...
– não vai ao chão toalha de pano fino –
Porque nasceu em agosto, aos primeiros dias
a minha mana, Alice
que as rendas a quiseram
é mais do que o céu
é mais do que o sol
é mais do que um mar grande
e do que o seu extenso areal;
é um presente do verão!

ASAS

Mais do que de alguém
sentirá falta de si
e do seu sentir de asas soltas...
Uma ave migratória
não vive conformada
de ramo em ramo
de varanda em varanda
a olhar o mesmo chão
e a beber da mesma fonte;
um dia há-de querer ir com o vento
para onde tem de ir
esvoaçando pelo céu...

RELÓGIO SEM TEMPO

Vivemos desde que nascemos.
Pensamos desde que crescemos.
Sabemos desde que aprendemos.
Amamos só quando descobrimos
dentro, bem lá no fundo
no canto mais recôndito
um relógio despreocupado das horas
de ponteiros entontecidos
como que embriagados de mel destilado
e que nos torna sem idade.

RENDA

Meu amor, quando te olhei
Rendas brancas no horizonte
Como se ondas do mar
Quis no peito mergulhar
E chegar depois à fonte

E depois, chegado à fonte
Quis beber, beber, beber
P'ra matar a minha sede
De tanto, tanto te querer

VIDA

Nasceu nos olhos, linda e delicada
com pele de seda, perfume de mar
e as mãos deram-lhe um berço
para o embalo do primeiro verso.
Cresceu menina, doce nas palavras
que vertiam e bebia, como se de fontes do céu.
E perguntava por todos os poemas
por todas as rimas, pela lua, pelo calor da tarde
pelas manhãs azuis, pela neblina, pela chuva
pelo entardecer à luz por pôr-do-sol
pelo outro lado do mar...
Sorria para o horizonte, ria também
ao abraçar um outro verso.
Fez-se mulher, sentiu o fresco das manhãs
acendeu a primeira chama, ateou fogueiras
e fez arder pétalas brancas no peito
na lentidão dum beijo temperado
terminando o último dos três versos
do poema que sonhava...
Na praia, descalça, em arrepio
embalada de silêncio, cheiro a maresia e fê
sentiu a espuma na pontinha do pé
e beijou a areia molhada, morna, branca de sal
como se fosse madrinha da sua poesia!

NA PALMA DA MÃO

Que dizer
se de coração cheio
verteu uma lágrima
fugidia e quente
solta na palma da mão
num dia de sol
e esta não é de desilusão?
Que dizer
quando uma gota de água
se despe no verão
para bronzear
deitada num sorriso
e a transpirar de amor
que o sabe e sente bem?
Será preciso responder?
Será mesmo preciso o poema?!...

PESCADOR DE MARÉS

Depois da volta pelo sonho
o regresso ao mesmo cais.
Barcos atracados
seguros em cordas e nós
e inquietos ao balanço nas águas.
O farol, mecânico na sua função
avisa das margem
e da entrada da barra.
E ninguém está lá!
Os que querem e sabem das ondas
no silêncio de cada alvorada
no gemer de cada partida
e que inventam sereias e corais
e outros mares...
saíram daquele lugar
para outro lado da costa,
com fé em novas sortes...

ENTRETIDO

Acendi a noite
apaguei o escuro.
Para lá da cortina
fica a janela goteada e fria.
Fiquei no morno
entretido
contando os dias
que soube de sol
e a contar com as chuvas
que não de vir
se o inverno se cumprir.
Lembrei do que quis saber
e soube de alguma coisa
querendo muito
transpirando ao sol
correndo à chuva.
mas que agora quase esquecia
no vagar das horas
no entontecer da noite
ao acomodar do sono
no efémero dos dias de lareira acesa.

OLHOS DE VERSOS

Plantaria os teus olhos
entre os lábios dum poema
e o haveria de saber
em doce declamação.
Por serem olhos de versos
tamanhos de beleza
temo faltar-me engenho
para os saber acomodar
no meu jardim de palavras.
Sou de estradas curtas
de rimas desalinhas
de poemas menores.
E os teus olhos
enormes de sede e de fontes
só podem admitir pousar
num poema maior.

MELHOR

Foste mais
do que chuva que teima no verão
Foste mais
do que vento de passagem
Ficarás mais
do que memória
porque te quero guardar
como se estejas sempre
e ainda mais...

OUTRO PERFUME

Pergunto ao mar pelos teus olhos
e o mar aponta-me o arco-íris.
Pergunto ao areal pelos teus pés
e o areal fala-me dum chão de seda.
Pergunto à brisa pelo teu cheiro
e a brisa lembra-me um campo florido
onde mil orquídeas se vestem de branco.
Não te pergunto pelos cabelos
porque os sei soltos e lindos
como seara de trigo ao vento.
Queria perguntar-te pelo coração
e do que te fala o amanhecer,
mas temo que me adies a resposta
para a outra metade do poema...

PEDRAS

Duma pedra
faço uma mulher.
Duma montanha de pedras
faço mil poemas.
Quando não tenho pedra alguma
invento-as no peito
e faço-me a mim.
Depois
deixo-me ir no vento...
como se cada pedra
fosse uma pena.

21 DE MARÇO

Há dias que me apetece
pousar as mãos num papel sem cor
numa folha quieta
e deixar que seja o poema
a mover-me os dedos
a chamar por mim...
a substituir-me no delírio ou na razão
e a colorir-me os olhos e o sentir
como se eu fosse um dia de primavera
ou mesmo o primeiro dia dela

RESGATADA DO CHÃO

Decepei num dia destes
os ramos duma árvore caída no chão
velha, seca, carcomida.
Hoje ao acordar do dia
bebido de fé
voltei ao tronco dessa árvore
despida, prostrada, inerte
e enxertei-lhe uns braços de vida
com ramos verdes da nova primavera
para que a árvore se levante do chão
e volte a viver, a medrar.
Porque acredito nos desígnios
da chuva e do sol e da terra.

PERTO

Preciso dum metro de chão
para me equilibrar.
Preciso dum pedaço de asfalto
para saber da estrada.
Preciso do horizonte
para poder olhar, ficar.
e saber encontrar-te.
Preciso do coração descompassado
tal como o sinto
– qual relógio de ponteiros soltos
à bolina das horas –
para saber que existes
tão perto, tão intenso
tão presente.

PEDRA NÃO FILOSOFAL

Não é jardim
uma só flor num canteiro.
Não é floresta
uma só uma árvore crescida do chão.
Não é cordilheira
uma serra sem outras mais.
Não foi dia de sol esplendoroso
se este se encobriu ao meio dia.
Não se procura o caminho
de olhos vendados;
com um muro na frente
não se medem tamanhos...
nem o dum passo
nem o dum sonho!

MODERNA

Olho-te ao esfregar dos olhos
e sei-te vestida, moderna e linda
como te quer a cidade;
despida, mulher e minha
como te quero eu.
E o perfume...
esse, de tão bom
bebe a cidade, um pouco
bebo eu, parte maior
e ainda sobra perfume
para embriagar o céu e as flores.

CHÃO DE CINZAS

(in Memoriam...)

E agora, que vais fazer
solto pelo chão ainda morno
e preso no teu medo?
Que vais fazer, agora
na hora do crepúsculo da tristeza
depois de voltares a olhar
a paisagem em cinzas?
Que contas vais fazer
se ninguém te paga a alma desgastada?
Que vais fazer nesta noite
com um garrote apertado no coração?
Vai, vai dormir na cama que te sobrou
e tenta sonhar com uma chuva de algodão
tão lavado quanto os teus olhos
que eu vou tentar acordar alguém
ou saber de alguém acordado...

RUA DO SILÊNCIO

Perguntei ao silêncio
por que se tinha instalado
na minha rua silenciosa
“Porque nas ruas do silêncio
procuro melhor, ouço melhor
e trato melhor dos meus ruídos”
Respondeu

ATALHO

Vou aí, por ti e para ti
todos os dias, a todas as horas
à sede e na senda do teu sorriso,
num pestanejar
num sopro do respirar
ao arfar do peito e do desejo
num barco de beijo à proa
pelo mar franqueado ao amor...
E vou, só por ti, longe, tão longe
e tão depressa
porque sabes e me ensinaste
o caminho mais curto das distâncias
se atalhado pelo coração
ao seu querer maior.

48° AO SOL

Que me importa
se me faltarem
os ventos, os versos
os poemas acabados.
Que me importa
se não souber das margens
ou das linhas centrais
das estradas que percorro
se tenho um barco
a navegar solto
à bolina
ao sol e ao sal
no mar do pensamento...

SEM EMENDAS

Vim a correr para te ver
e me tardar nos teus olhos
onde o sol, à meia tarde
se ergueu e se pousou.
E se versos maiores procuro
enormes se fizerem
na beleza grande que irradias.
Assim, sim, há poema!
O resto serão apenas palavras alinhadas
ao querer da arte que se inventa...
Tu és verso completo
poema inteiro, enorme,
com razão e sem emendas.

ESCADA

Deram-te uma escada
e começaste a subir.
Levaram-te à lua
e quiseste ser tu a acender a noite.
Mostraram-te coisas simples
da vida, do mundo
e adoçaste o sorriso.
E agora que precisavam de ti
desviaste o olhar.

RUAS

Gosto desse sorriso
que parece que não é.
Gosto do enigma
que guardas nos olhos.
Gosto de te procurar
nas ruas que não percorres.
Gosto de me encontrar por aí...
onde eu sei andar
devagar, sem pressa.

NO ESPLENDOR

Primeiro os olhos calmos
na meiguice dum sorriso doce e ímpar.
Depois a pele rosada e quente
onde os cabelos poisam e a vontade pede...
E despe-se o corpo de rendas e sedas
ao sussurro da vontade do amor.
A boca acende, os lábios secam, a língua agita
e o beijo apetece e chama...
E abre-se a fonte que verte e partilha
que transborda e pinga no peito.
Agora, o toque que chama as mãos
sentindo trémulos os seios
ao arrepiar dos seios inquietos.
Hum, o desejo pede demais!...
O arfar assume-se, o gemido vence o silêncio
e eleva-se a gritos desnorteados!
Deitam-se os corpos, inflama-se o desejo
e vontades desesperadas.
E o amor acontece, fundo e sem cessar.
Depois, muito depois, volta o colo, a ternura
o abraço calmo e o mesmo encantamento.

CHÃO DE PÚRPURA

Demora-me na tua boca
no fogo brando dum beijo
até ao embriagar dos olhos.
Sente na pele, em cada poro
mil arrepios de emoção, nobres de carícia
quando te acordarem os seios
no trémulo das mãos que os afagam.
Dispo-te a renda
sob o manto perfumado
e saboreio-me de ti, no néctar que me invade.
E quer a noite toda a luz que acendamos!...

MADRIGAL

O sorriso guarda o aceso morno
do sol da meia tarde.
Dos cabelos partem caravelas
às valsas inquietas do mar.
E no peito
fica um madrigal enternecido
ao pulsar do coração.

ROMARIA

Diz o Manel à Maria
Com prosa de engatató:
– Nesta linda romaria
Da Senhora d' Agonia
Acendes-me o coração?

– Faz esse pedido à santa
Eu nunca fui milagreira
E caso a chama propaga
Rápido o fogo se apaga
Com água ali da torneira

MILAGRE

Olhei-O nos olhos
e molhei os meus olhos nos Dele.
Dobrei-me a seus pés
e de voz embargada falei-lhe baixinho
do sorriso triste dum anjo
a precisar ser colorido de Graças, de luz...
E o Santo sabia de quem eu lhe falava;
sabia, muito mais do que eu
que aquele sorriso triste teria de voltar a ser
o mais lindo e radioso sorriso de todos os sorrisos.
E num instante, no estender do olhar
coloriu o sorriso do anjo triste
que, tal como meu, também era seu anjo.

SEM TEMPO

Falta-me tempo para um poema.
Um poema onde o céu acenda e ardam as flores
e queimem as bocas achadas num beijo;
um poema de amor, pueril, patético também.
Falta-me tempo para um poema
mesmo que curto, feito depressa.
Falta-me tempo, mesmo que pouco tempo
para escrever um qualquer poema.
Hoje preciso de todo o tempo
para escrever, com muito tempo, uma carta.
Sim, uma carta onde nela diga de mim
e queira saber...
em linhas despreocupada de versos;
uma carta onde diga ainda que
se um dia tiver tempo
e souber fazer um poema
serão os primeiros a saber que endoideci!

BAIXINHO

Diz-me baixinho
que me queres
para que me encoste ao teus lábios
para te ouvir...

HORIZONTE

Nos teus olhos
vi gotas de espuma branca
de sal, flores e aromas
e vi gaivotas
nos ondas do teu peito
que me levaram
a um horizonte belo
por um mar de calma.

VENTO QUE TENHO

Que vento me sopraste?
Que sol me emprestaste?
Que grito me trouxeste ao silêncio?
Onde guardavas o cheiro e o sabor que procurava
para me entontecer de verde e maresia
e me embriagar pelas manhãs?
Quem és, que de tão longe
me pareces e te sei tão perto?
Por que me fazes ter a certeza
que te tenho?!

VESTAL

Pouso-me no teu corpo de vestal
treme ao desejo
sem mácula e sem medo
e deposito neles as mãos
e prendo-o e percorro-o...
e procuro depois a boca
acesa e solta
onde verto e bebo da saliva quente
da fonte que nos sacia

MANHÃ

Gosto de te saber ao acordar
no primeiro cheiro da manhã.
Gosto de ver os teus cabelos
despreocupados do sono.
Gosto dos teus olhos
antes da primeira água
sem cores que não as deles.
Gosto do teu arrepiar em sussurro
quando me sabes de arrepio...
Gosto de ti, assim
tão bonita, tão nobre e tão mulher
a perguntar-me se chove ou se o sol já se abriu.
Gosto de ti, porque me ensinaste a gostar
precisamente numa das primeiras horas
duma manhã, bem cedo.

ASSIM

A boca
quero-a molhada
Os poros
quero-os a verter
O corpo todo
quero-o a explodir
em indecências de prazer
Os olhos
quero-os meigos
como que olhando
um mar de flores acesas...

LUGAR

(a Terras de Bouro)

O gado come e medra nos baldios
no vai e vem dos dias
sem horas e sem relógio.
A urze é brava
e mansas são as tardes.
As pedras crescem
ao vagar dos dias.
O sol, no céu despido, castiga no verão
e no inverno gela o chão e veste de branco
e vertem demais as fontes
para espelhos de água que deslumbram!
Em terreiro festivo de romaria
no asseio dos domingos
dança-se no chão o “vira” e a “cana verde”
e colhe o mel doce das flores
coloridas e perfumadas na serra e nos beirais.

SENTIDOS

Respiro
e sei-te partícula melhor do ar e no peito.
Penso
e percorro a mais segura estrada do meu chão.
Invento
e atinjo o ponto mais elevado da minha criação.
Espero
e vejo-te na curva mais próxima da minha vontade.
Quero
e isso é o que eu mais gosto de sentir...

FEIRA DE FLORES

Sei-te uma feira no peito
e nos olhos uma festa
onde, num e noutros
se trocam flores coloridas
e balsam pétalas de perfume.
E as mãos, calçadas de cetim
que te sei também
soltam o arco que engalana a feira
perfuma a festa
e adia a tarde por boa razão!
E a noite ainda escuta
adiando o sono
embriagado de vida.

NASCER DO SOL

Como o sol nasce pela manhã para o calor
como as flores nascem para o perfume
como a chama arde e incendia
como o amor nasce e cresce
e se agiganta para os corações destemidos
nascas para mim a toda a hora.

ENCANTAMENTO

Se o sol e a lua fossem tão belos
como belos são os teus olhos
vestidos pelo teu sorriso
haveria de ficar o dia e a noite
a olhar o céu
num embriagado pasmar
de pleno encantamento!

FINADOS

“Liberdade é apenas outra palavra
para dizer que não há nada a perder...”
E se no início de novembro
pelos finados
ao céu cinzento e chuva incerta
pousarem uma rosa rubra no chão
é sinal que nem o sol se escondeu
nem a primavera morreu
nem a liberdade foi em vão...

HORAS DE TUDO

Aprendi a querer, a chamar,
quando ao despertar duma manhã de sol
o dia te reclamou, me acordando de vida;
quando ao final duma tarde pardacenta
os meus olhos chamaram, com fé no por do sol.
Aprendi do amor, com o amor que trazes
nas tuas palavras certas, nas tuas horas incertas...
Dá um sinal da tua existência, do teu jeito
do silêncio no teu peito, do grito do teu querer
dos teus olhos, do teu sorriso
dos teus lábios que me apetecem.
Dá-me de ti...

ABRAÇA-ME

Abraça-me
como se o vento te quisesse levar de mim...
Deixa que te segure nos braços
e te prenda no coração

DIZ

Diz...

com o sentir que te dita o peito
com o medo que te esconde as horas
com o brilho que te acende os olhos
com o lume que te queima os lábios.
Diz do amor...

OUTUBRO

Das tílias caem as folhas secas
deformadas e sem cheiro.

O sol, ao entardecer
já não sai aceso, como saía
por entre dos ramos dos plátanos.

É outubro, prenúncio do frio
do céu cinzento e tímida cor
na eminência das chuvas.

O inverno já se estende ao testemunho
para continuar a estafeta.

E outros pássaros virão
saudosos do aconchego
dos ninhos que resistiram...

MOSTRA

Mostra-me os olhos
e pelo rosto
deixa descer uma gota
clara e calma.
E da boca...
da boca
que se agita
trememente aos lábios
sente a naufragar o desejo
no beijo esquivo
– longo depois –
que se quer temperado
na água morna
que encharca e se reparte...

EXCESSIVO

Serei excessivo quando reclamo
por três segundos da tua ausência.
Serei excessivo quando regateio
os teus beijos na hora em que não estás.
Serei excessivo quando te sustenho
entre as flores suspensas da minha Babilónia.
Serei excessivo quando pouso o sol nos teus olhos
e o vento para o sopro dos teus lábios.
Serei excessivo quando te quero
nas horas desconcertadas da madrugada.
Serei excessivo quando te chamo
pétala perfumada no meu peito.
Serei excessivo, ou não
se te disser do amor grande, enorme
que me dás a beber.

GUARDIÃ DO PARAÍSO

Quero o teu beijo
doce, quente
molhado, demorado...
guloso na minha boca
sufocada na tua.
Quero os teus olhos fechados
meigos, (in)quietos
ao toque das mãos ágeis
irrequietas na descoberta...
Quero descer ao teu íntimo
ao enclave majestoso do teu corpo
e tocar e saborear
e querer-me internado nele
como se nele, meu amor
soubesse do melhor do paraíso!

PORQUE SIM

Vi. Senti...

Falo de ti.

Gostei. Depois gostei mais.

E gostei mais ainda depois.

Não me perguntes porquê,

precisaria de mil horas

para me perguntar primeiro...

e mais horas ainda para responder.

LADO A LADO

Pegarei na tua mão de água e seda
marcando o meu passo pelo teu,
sem a pressa do relógio.
E no caminho, ao calar do silêncio,
ouvirei dos gritos da tua coragem
e dos teus medos também;
dos dias que te foram de menos
e dos outros que te foram demais...
Se sobrar ainda tempo,
saberás de mim...
E, adiante, pouco diferente será
do que de ti me falares...

VELUDO E RENDAS

Acendo-me
nos teus olhos de veludo.
Invento-me
no teu corpo de rendas.
Respiro
na fenda dos teus lábios.
E espero, ao sol
serenamente
no teu colo de berço
pelo frescor da tua fonte
onde o lobo quer beber...

TEMPO DAS MAÇÃS

Nos teus olhos
tão meigos e cheios de luar
vi um horizonte perfumado,
como se um pomar bronzeado
no tempo das maçãs
amadurecidas para colher.

PONTO DE MIRA

Aponto o olhar ao horizonte
e sei-te levantada num sorriso
de paisagens nos olhos
de mel nos lábios
perfumada em rosas rubras de verão.
E fica a certeza no peito
de que vale a pena acreditar
que nunca se está distante
se sentimos que alguém nos quer por perto
e temos na mira do sentir e do querer
no dilatar das veias
ao disparar do coração.

OMBRO DE BORBOLETAS

Não és a guardiã do paraíso;
o paraíso não tem muros,
nem portas, nem chaves,
nem alguém que o tranque.

Não és sereia à tona do mar;
o mar é frio e tanta vez revoltado
para te acolher e embalar
nas ondas inquietas demais.

Não és chuva, nem vento,
nem tempestade,
nem raio de sol, ou noite de luar;
isso seria poesia.

Mas nos teus ombros pousam borboletas
e foi, quando corria atrás delas,
que encontrei no teu peito
a mais florida e perfumada primavera.

BEIJO SOLTO

Franqueia a tua boca humedecida
– qual fenda no paraíso –
e deixa que solte nela
o beijo que só para ela
tenho aprisionado no coração
no seu recanto mais florido
mais nobre e mais aceso.

QUERER

Quero-te mulher
musa
doce mel na boca.
Quero-me rendido
ao esplendor do sentir;
perdido
achado
e inquieto
no teu céu
que invento...

ALMA AZUL

Pasmo nos recantos que me prendem
à nudez dos teus olhos de luar.
E cada estrela que acendes
antecipa a luz no infinito...
onde, pelo amanhecer
te guardas serena e linda
de alma lavada de azul.

FONTE

A boca é a minha fonte
os seios, a pele e os poros
são os meus versos.
E tu, toda, completa
acesa nos olhos
és o meu poema maior
colhido na nascente.

ASAS DE GARÇA

Gosto dos teus olhos adocicados
Gosto da tua pele em flor de sal
Gosto do teu esvoaçar de asas de garça
Gosto do teu génio, quando reclamas
Gosto da tua boa, quando chamas
Gosto do teu calor, quando acendes
Gosto dos teus braços, quando prendes
Gosto do teu amor, quando amas
Gosto de ti.

AO SOL

Como se um anjo ao sol
achado pelos meus olhos
quando a tarde tardou
a esconder o sol no horizonte.
Que razão tinha a tarde!...
Que sorte tiveram os meus olhos!

PECADO DUM ANJO

Como se um anjo
trespassado pelo prazer
no chão morno dum novo paraíso
na cama se lhe estendeu
ao soar de trombetas
perfiladas no céu
evocando, com melodias
o desejo e o gozo ímpar do amor.

PENSAMENTO

I

Amor não é o que passa e pára na nossa rua, mas o que mora e demora no canto nobre do nosso pensamento...

PENSAMENTO

II

Se quiseres saber de paixões, não perguntes a quem está, ou esteve, nos braços de alguém que se queria, pergunta-o a quem quer estar nos braços de alguém que se quer. Porque a paixão é um ato emocional, por vezes irracional, elevado ao expoente maior do querer, do acreditar e do inventar, com dose grande de fé.

PENSAMENTO

III

Quem não tem coragem na flor da idade, viverá prisioneiro a vida toda.

O saber aprendemo-lo dos outros, a coragem ganhámo-la de nós. E convém que seja cedo. Muito cedo!

PENSAMENTO

IV

“Não há machado que corte a raiz ao pensamento”.
O resto são prisões; umas com grades temporárias,
outras de portas abertas, com horário de saída e
entrada e tapete vermelho, para que se não achem
“via verde”.

Livres são os pássaros, que nascem, crescem e
morrem quanto cumpriram apenas o chão, as
árvores e o céu.

PENSAMENTO

V

A consciência é quem mais demora a adormecer
e quem mais cedo se levanta, como se um relógio
inquieta do sono.

PENSAMENTO

VI

A toda a hora morre alguém. A toda a hora nasce alguém. A toda a hora alguém, privilegiado, se sente dono e senhor de mais uma hora.

Os mortais são peso e ponteiros para o equilíbrio das horas.

E depois poderão ser, também, algumas coisas mais...

PENSAMENTO

VII

“As árvores morrem de pé”. Sabemos.
Tudo volta ao chão quando morre. Deveríamos saber.
O chão é o primeiro e último lugar da vida. Elementar.

PENSAMENTO

VIII

Só estamos completamente em solidão, quando já nem com o silêncio conseguimos conviver, ou ele já não nos conseguir suportar.

O “som do silêncio” deve ser também o espelho e eco da nossa verdade e pensar...

PENSAMENTO

IX

Quando perdemos a graça, até da desgraça passamos a precisar e a depender para termos nosso qualquer coisa só nossa.

PENSAMENTO

X

O amor é um edifício que construímos sem areia e sem cimento, mas que resiste erguido se o segurarmos com o coração e uma dose q.b. de loucura. E no dia em que rejeitarmos um “amor doido”, endoidecemos, e o amor perde a “graça”.

PENSAMENTO

XI

Uma só folha não diz da grandiosidade da árvore,
contrário ao tronco dela.

A MENINA QUE GOSTAVA DE TERCETOS

Dum poema com um só verso, não gostava. Achava-o pequenino demais. Entendia que com uma linha de palavras, pouco se poderá dizer, para que se ache um poema. Uma frase duma linha com palavras bonitas, bem construída, poderosa na mensagem, pode ter muito valor, mas uma linha de palavras para poema é pouco. Muito pouco.

Dum poema com dois versos, continuava a não apreciar. Claro, sabe que se pode dizer mais com duas linhas de palavras do que com uma só. Duas linhas sempre são dobro de versos, mas mesmo com o dobro de palavras e de versos, ainda não será suficiente para escrever um poema cheio de esplendor. Dum poema com três versos, um terceto, adorava. Aqui sim, com três linhas de palavras já se consegue fazer um poema maravilhoso e dizer nele tudo de grandioso que as palavras podem transmitir. Com três versos pode, num deles, descrever-se o nascer dum dia bonito de verão, no outro, pode mostrar-se como foi magnífico esse dia e no terceiro verso, pode falar-se da saudade que este dia ao anoitecer, e quase a tornar-se noutra dia, já nos deixou. Sabe bem que as três linhas de versos, tal como as três sílabas da palavra sau-da-de, ou as três letras da palavra m-ã-e, são bastantes para se fazer o melhor e maior poema do mundo. Para menina que gostava de tercetos, havia ainda um outro motivo, mas este não justificava só por si o seu gosto por

poemas com apenas três versos: era um pouquinho preguiçosa para ler poemas com muitos versos. Mas sabe bem que se três sílabas, ou três letras, servem para grandes palavras, um terceto serve e é suficiente para um grande poema.

PESSOAS

I

Chama-se Pedro e cita Honoré de Balzac, porque sabe e segue os valores grandes que reclamaram os homens de sabedoria maior: se o bom é muito melhor do que o só querer ser bom. Nasceu em Trás-os-Montes, entre o frio que gela e ulcera as mãos no inverno e o sol aceso que queima e castiga no verão. Cresceu, estudou, e fez-me um homem bom, sábio; daqueles que, se pássaros fossem, seriam “aves raras”, no sentido nobre da expressão. E volta sempre, a cada verão, em tempo de férias, ao terrunho onde nasceu e cresceu; porque no verão, da erva, crescida e seca, faz-se feno e este há que ser colhido e guardado para alimentar o gado que também o ajudou a ser gente, se a idade agora lhes verga os progenitores, para o duro amanhã das terras. O Pedro, aliás, o Dr. Pedro, licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, é muito mais que apenas um “doutor de leis”; é um competente profissional da função pública, ao serviço da justiça, na área dos registos e do notariado. De verbo parco, tolerante, reservado no comportar, mas de agilidade, inteligência, disponibilidade para fazer muito e bem, rasgo de bondade e sabedoria enormes. Com homens assim, perde o rol dos que prometem o sol e o céu e outras coisas... mas ganha o dos que, simplesmente, fazem muito,

bem, sem olhar a quê ou a quem. E persegue-se o sucesso, porque o segue quem sabe dele. E sabem-no muitos e porquê!... E ele, o Dr. Pedro Chaves, nem sabe que o tenho como das pessoas melhores que conheci, e que lhe guardo um respeito e admiração enormes.

HEROÍNA

Mãe, por que te levantas sempre tão cedo e antes de mim se sei que te deitas cansada e adormeces sempre só depois de eu adormecer?

Mãe, por que nunca te vejo chorar, ou queixar de alguma dor ou fadiga, mas apenas a sorrir para mim, tão meiga tão terna e tão disponível se imagino, e por vezes sei, que também tens medos e problemas?

Mãe, por que queres que me alimente direitinho, vista e calce bem e nem sempre te alimentas como eu, ou te cuidas como me cuidas?

Mãe, por que te preocupas com os meus trabalhos da escola, se tens tanto trabalho todos os dias e a todas as horas sem que me peças ajuda, ou eu, não podendo, te saiba ajudar?

Mãe, sabias que tenho a impressão que nem o teu ar todo respiras?

Será, mãe, que até o teu ar partilhas comigo?!...

Porquê tanto por mim, mãe? Um filho vale assim tanto, tanto?!

Que pergunta patética eu te fiz, mãe. Claro que para ti vale.

Pronto, mãe, perguntei...

E nem precisas de responder nada;

uma heroína nunca levanta uma bandeira grande pelo seu nome!

Toma um beijo, mãe.

Mas este beijo, minha querida, quero-o muito terno, muito doce e enorme;

igual, ou ainda maior, aos que todos os dias me dás.

E é mais do que merecido, garanto-te, mãe!

PESSOAS

II

Conheci-o pessoalmente há dezoito anos. Escrevi-lhe um postal e ele respondeu na volta do correio. Elogiei-o e pedi-lhe desculpa por o incomodar. Ele, sabe-se lá porquê, achou-me graça. Ficámos amigos. Ele, gordo, talentoso e famoso, aberto ao mar e ao mundo. Eu, esguio, aprendiz de sonhos e de palavras, escondido atrás de pedras.

É, seguramente, o melhor autor, compositor e intérprete da música/canção em língua portuguesa. Nasceu em Lisboa, estudou em Lisboa, cantou e representou a liberdade, nos tempos em que era preciso, pelo país inteiro, mas regressou ao coração do Ribatejo – Riachos, margem do Rio Tejo – à casa do pai, respeitado professor primário local.

Chama-se Pedro Barroso. É gordo. É gordo, sim, de bondade, de coração, de afectos, de respeito pela portugalidade e coisas que valem nela pela qualidade. É gordo, sim, no saber escrever, no saber dizer, no saber cantar, no saber tocar, no saber compor, no saber deliciar quem o ouve há quase cinquenta anos. É gordo no saber chamar a mulher de “coisa maior”. E o muito que ele nos oferece sabe-nos sempre a pouco, porque é bom demais o que ele deu e dá.

Um dia escreveu, compôs e cantou “Menina dos olhos de água”, e nunca mais nos saiu dos olhos a água que ele fez verter nes-

se poema/canção e nos olhos de quem a sente. Só é eterno o que realmente é soberbo e, se mais não houvesse dele, já seria suficiente esta canção para o elevar ao pináculo dos melhores. Depois fez e cantou mais mil canções, inteiras e completamente suas e sempre de qualidade enorme. Abriu poucas exceções para cantar palavras de outros. Neste caso, escolheu sempre os melhores: Cesário Verde, Sophia de Mello Breyner, José Saramago, alguns poetas medievais – como o Rei D. Dinis, entre muito poucos outros. Já, recentemente, num gesto, sei lá... de bondade, amizade e de incentivo, cantou um poema meu e outro duma amiga comum – a Maria José Praça.

Pedro Barroso, não só encheu e enche, pelo país e pelos quatro cantos do mundo, há tantos anos, salas, em concertos e difusão do melhor da música e da poesia portuguesa; encheu e enche a alma dum país, por um país que ele sempre acreditou e ama.

E o resto, até a morte, que tenham paciência e esperem. Ele ainda não está para aí virado. Caramba, não sejam chatos, porque ele ainda tem maçãs para comer, sentado num piano, enquanto os mãos, as lágrimas e o saber lhes fizerem coro...

A AVÓ ESTEFÂNIA

(Uma história da minha avó)

A avó Estefânia era uma mulher de fibra. Ria com parcimónia – “muito riso, pouco siso!” – dizia. Vestia saia preta, em escrupulo ao luto, pela perda prematura do marido, e usava-a comprida até aos pés. Guardava nos seios, embrulhado num lenço, o dinheiro para negócios que lhe surgissem. Comprava cabritos, que abatia e desmanchava. Vendia depois a carne, de casa em casa, pelas aldeias da serra; tanta vez para “matar fraquezas”, como dizia. Por vezes, só pelo São Miguel recebia o pagamento, e na maior parte dos casos em géneros, como azeite, milho ou feijão. A vida era difícil e a carne era um bem quase inacessível à mesa; só uma doença, ou uma cerebração familiar especial merecia repasto melhorado. Chegou a fazer contrabando (como qualquer homem) de e para a Galiza, no tempo da fome. A avó Estefânia não faltava a uma festa ou romaria e consigo levava a filha, Alice, sempre bem vestida, alegre e de sorriso despertador de encantamentos vários. Não havia moço, educado, ou “mariola”, e muitos deles fidalgos, que no terreiro da festa não a assediassem com um piropo ou promessa de casamento. Claro, sempre com muito respeitinho. A mãe, Estefânia, sempre do seu lado, era mulher para desandar um par de bofetadas a quem ousasse ultrapassar os limites da elegância de trato ou de má educação para com a filha. Da avó Estefânia levava nas

trombas fosse quem fosse, bastava para isso que um mau comportamento ou atrevimento desmedido o justificassem, principalmente se ofensivo para com a filha, que sempre de perto protegia como “cão de guarda”, porque o orgulho nela era muito e não a queria “pão para qualquer boca” e muito menos vítima de qualquer abuso ou excesso de algum galanteador espevitado. Certa vez, na festa da Senhora da Abadia, cantava-se ao desafio no terreiro. A avó Estefânia, de braço dado à filha, abeirou-se do aglomerado de pessoas que ouviam a cantoria, sempre apimentada nos versos, e quase sempre de provocação entre os cantadores; sairia melhor aquele que mais afrontasse e desarmasse o parceiro. Às tantas, no calor da desgarrada, um dos protagonistas da cantoria, e sem que se previsse, ignorou o parceiro e voltou-se antes para o auditório que o circundada no terreiro. E numa tentativa de elevar os seus dotes de cantor/versejador e em provocação brejeira às mulheres presentes canta-lhes, ao toque compassado da concertina:

“Sete vezes fui casado
Sete mulheres recebi
P’ra vos falar a verdade
’inda estou como nasci”

Não apreciando a cantoria, na forma de abordagem e no conteúdo da letra, porque a achando provocadora a atentatória no respeito às mulheres presentes, incluindo ela e a filha, a avó Estefânia, que nunca tinha cantado ao desafio, abeirou-se do

cantador, esperou o compasso de entrada do toque da concertina e respondeu-lhe em bom timbre e afinação:

“No terreiro da Abadia
Não demonstra haver justiça
Ou tu nasceste capado
Ou te cortaram a pi**”

O cantador gelou, ficou sem versos, e a cantoria ficou por ali. E esta quadra/resposta ao desafio, ainda hoje é lembrada, quando se fala da velha Estefânia, ou dos cantares ao desafio nas festas e romarias do passado.

PESSOAS

III

O pai faleceu no dia de Natal, às mãos dum familiar, num acidente de caça, era ele ainda muito pequenino. A mãe vestiu de luto a vida toda e ele bebeu a vida toda da tristeza dela. Faleceram agora, com dois anos de distância, ela primeiro.

Chama-se Carlos Pereira, e foi o último romântico, conterrâneo e amigo, que conheci.

Ouvia Gilbert Bécaud, Françoise Hardy, Creedence Clearwater Revival, José Mário Branco, Simone de Oliveira e tocava repetidamente para os amigos a “Sylvie” e as canções do Zeca e lia poemas de Florbela Espanca, José Régio e Vinicius de Moraes. Inspirava-o também as teorias de Karl Marx. Confessou-me um dia que tinha uma canção que guardava no peito desde 1969 “De Troubadour”, cantada pela holandeza Lenny Kuhr, que nesse ano ganhou o eurofestival à nossa Simone.

O Carlos sabia de tudo e tudo sabia fazer bem. Cantava, tocava, falava, encenava teatro, escrevia como um poeta maior, pensava como um sonhador, também no fio da utopia, mas, fruto duma humildade tamanha, fazendo tudo bem demais, queria-se sempre no rol dos que acham que fazem pouco e de menos. Eu, confesso, nunca lhe aceitei ou admiti o “infra ego” ou modéstia que assumia; ele valia e valeu sempre, sim senhor, muito!

O Carlos foi e fez de tudo: soldado (oficial Ranger), bombeiro, actor, encenador, fundador e dirigente associativo, galã, conquistador de corações, de montanhas e de mares, administrativo de excelência, por função, boa pessoa, por vocação. O meu amigo Carlos foi o que eu jamais conseguirei ser e, confesso, nada me importaria de ser!

Escreveu no prefácio do meu primeiro livro que acreditava em mim, que eu não haveria de parar e que, consabidamente, “a montanha não tinha parido um rato”. Pois, ele sabia muito bem das “forças da montanha”; bastaria que se olhasse de cima a baixo...

O Carlos Pereira partiu, duma pesada pancada da vida. Partiu, mas deixou-nos mais “ricos” e enobrecidos, porque estivemos com ele, e por perto.

Nunca parte completamente quem muito esteve. E o Carlos esteve. Se esteve!...

FRANCISCO MACHADO, PAI

(Que ouvi no “pátio do funileiro”)

Conta-me Francisco Machado, filho, que Francisco Machado, seu pai, era um homem de ideias fixas. Nunca foi de mãos largas. Ria com parcimónia, mas aqui e ali gostava de pregar as suas partidas e deliciar-se com o efeito, por vezes perverso, delas. Vendia cordas de viola, a metro, que mais não era do que linha de fio de pesca em nylon; a mais grossa serviria para o bordão e a fina para todas as outras notas. Depois era, dizia, uma questão de afinação.

Francisco Machado, pai, viveu até aos noventa e quatro anos e era funileiro, arte que aprendeu e comerciante de miudezas, como complemento ao seu ganha-pão.

Francisco Machado, pai, conta-me Francisco Machado, filho, sempre teve um grande fascínio por seios grandes. “Boas mamas!”, como dizia. Produzia, na sua velha funilaria, situada bem no centro da vila, cântaros, candeias e funis, tudo em folha de latão, ou zinco e vendia arroz, cevada e grão-de-bico, a granel, entre outras mercearias. Era um homem multifacetado e nascido para o negócio.

Conta-me ainda, Francisco Machado, filho, que o seu homónimo, pai, já entrado nos noventa anos, vergado pela idade e com uma perna a arrastar a outra, vestia o sobretudo cinzento, para aprumo e insistia em cumprir, semanalmente, às ter-

ças feiras, uma espécie de ritual que vinha de longe: ir à feira de Braga apalpar as mamas a uma tendeira/feirante, de raça cigana, com quem mantinha uma espécie de relação libidinosa, para ele, com a graça duns trocados, para ela. Justificava, em desabafo, Francisco Machado, pai, a Francisco Machado, filho: “Sabes, rapaz, eu hoje não tenho mais, mas tenho a ideia!...”, ao que o filho dizia: “Ó meu pai, meu pai, valha-o Deus, valha!...”. Para as suas deslocações de ida e volta a Braga, Francisco Machado, entenda-se, o pai, apanhava a camioneta da carreira, das sete e meia da manhã, da Autoviação António Magalhães – “Marinho” – e voltava ao final da tarde. Chegava regalado, de pernas doridas e, claro, com a carteira mais aliviada.

Um dia, Francisco Machado, sim, o pai, numa das suas visitas periódicas à feira de Braga, para o cumprimento da sua imprescindível “apalpadela semanal”, é vítima dum carteirista, que lhe limpa alguns contos de rei que levava no bolso de trás das calças de fazenda. Chegou a casa desolado, abatido, ao que o filho, Francisco Machado, o júnior, sim, lhe perguntou a razão do seu estado emocional. “Olha, rapaz, não volto a Braga. Tanta vez apalpei mamas e nunca trouxe nenhuma comigo. Hoje, pela primeira, vez apalpam-me o cú e ficaram-me com a carteira.

PESSOAS

IV

Nascemos no mesmo ano. Crescemos e brincamos no mesmo lugar. Nos primeiros ciclos de escola (primária e preparatória) fomos, inclusive, colegas de carteira, durante seis anos. Fomos da mesma turma, quer na primeira parte do ensino secundário, na vila onde nascemos e crescemos, quer mais tarde no liceu, na cidade. Depois, eu fui para o serviço militar e ele para uma aventura no mar; eu “obrigado” e ele atrás da “descoberta”. Ah, antes disto, ainda fomos colegas numa equipa de futebol – “Arealense” – da cidade de Braga.

Chama-se Gil, filho da professora e eu João, filho da modista. Fomos, sem dúvida, dois grandes amigos, senão os maiores. “Finos como azeite!”, dizia de nós a professora. Ao meu primeiro filhote dei, curiosamente, o nome de João Gil.

Seguimos destinos de vida profissional bem diferentes: ele ingressou na banca, de sucesso em sucesso e eu na romântica profissão de “registar” a vida e bens de pessoas. Eu escrevi ainda poemas e livros e ele fez coisas melhores, tenho a certeza.

Depois, raramente nos encontrávamos. E passaram trinta anos. Mas o Gil nunca deixou, por um só ano que fosse, onde quer que estivesse, por altura do meu aniversário, de me telefonar. Eu, menos atento a datas e celebrações, nunca lhe falei

no dia do aniversário dele. Mas nunca esqueci o dia catorze de março, em que nasceu.

Num domingo, no fim da tarde, ao chegar a uma celebração de aniversário familiar – tipo “vamos passar, dar um beijinho e comer uma fatia de bolo”, nos arredores da cidade, surpreendentemente, encontro lá o Gil. Porquê o Gil lá?!... Não perguntei, nem lhe perguntei o porquê dele ali, apenas o saudei pela agradável presença e reencontro de ambos.

Eu toquei viola e cantei. Ele olhava-me fixo, terno e triste e comia apenas umas bolachas de água e sal. No final, despedi-me dele com um abraço. Eu encaminhei-me para casa, na vila onde ambos nascemos. Ele encaminhou-se para a cidade e nunca mais foi visto com vida por ninguém.

Chegou a minha vez e por antecipação ao dia do seu aniversário, de dizer ao meu amigo Gil Mendes, por estas vias modernas de comunicar e onde quer que esteja, que não o esqueci, nem esquecerei...

MOMENTOS

Estavam sentados numa mesa, a três ou quatro metros de mim. Eu degustava um frango de caril e eles, de mãos dadas, bebiam dos olhares que trocavam, como se o amor lhes vertesse dos olhos. Era íntimo o espaço deles e era meu o resto do lugar. Eles sabiam disso, e eu nem dava por isso. Falaram, em sussurro, de coisas que eu não ouvi, mas, tenho a certeza, diziam de coisas grandes da vida deles. Eu bebi o último gole de vinho, e eles levantaram-se e entregaram-se num abraço. Claro, sentados a uma mesa, de frente um para outro, como se poderiam abraçar? Não ousaram no beijo, sabiam que o espaço deles eram apenas um canto do resto do lugar; e no resto do lugar todo estava eu. E para quê o beijo das bocas, se naquele abraço já se beijavam os corações?

PESSOAS

V

É um homem bom. E quando passam por nós pessoas assim, passam a fazer parte nós, na nossa inspiração, da nossa memória diária e, garantidamente, futura.

Nasceu numa freguesia rural do concelho de Barcelos, filho de camponeses que amanhavam o pão da terra. Cresceu por lá. Formou-se, com o esforço grande dos progenitores, em Direito na Universidade de Coimbra e iniciou a sua actividade profissional como Magistrado do Ministério Público. Mais tarde optou pelos Registos e Notariado.

No início dos anos setenta foi colocado em Terras de Bouro, como Conservador e Notário, por uma questão sentimental e de aproximação à terra de sua esposa, também filha de gente da lavoura, que conhecera em Coimbra e com quem casara, logo que formados.

Chama-se Francisco de Assis Campos – conhecido Dr. Assis – e, se mais não fosse – que foi – é talvez o homem que mais me “mostrou” o valor das coisas que valem a sério. Ensinou-me, por exemplo, que um homem se mede pela sua inteligência e vontade que querer e conseguir subir, mesmo que a pulso e não pelo querer e admitir, confortavelmente, esperar pelo “empurrão” do favor ou status familiar. Ensinou-me, ainda, que um homem cresce mais e melhor se respeitar e nunca es-

quecer as mãos calejadas de quem o ajudou, porque a gratidão tem de ser sempre coisa maior que guardamos no peito.

O Dr. Assis Campos foi sempre um servidor público no sentido fiel e exacto da função e nunca permitiu que o abordassem de “chapéu na mão”. Nunca deu tratamento diferenciado a alguém pelo seu estatuto social ou outro, mesmo em altura em que comportamentos tais eram vulgares e não reclamados nos serviços da administração pública. “Verguem-se em vénia a Deus ou santo de devoção, que eu sou apenas um mero homem/administrativo, com formação e a obrigação de zelar pela legalidade que a mim conferira” – dizia.

O Dr. Assis foi um profissional competente, sério, dedicado, de trato fácil e despido sempre de vaidades várias ou altivez. Foi sempre como deve ser aquele a quem pediram para fazer bem no respeito escrupuloso do dever.

Um dia, já no fim da carreira, e com mais de trinta anos exercida em Terras de Bouro, com a doença e consumi-lo, disse-me: “João, estou frágil, cansado, com medo e preciso de contar contigo, agora mais do que nunca (...)”. E contou. E comprometi-me a isso, porque tinha guardado comigo um dos valores grandes que com ele aprendi: a gratidão; a mesma da qual também ele nunca se despiu.

QUE CHATICE!

- Chateia-me o custo abusivo do estacionamento pré-pago.
Chateiam-me os arrumadores de carros, desesperados por uma moeda de cinquenta cêntimos.
Chateia-me ver a fome estampada no rosto de jovens desacreditados do presente e no futuro.
Chateiam-me as filas no McDonald's, para um hamburger e um copo com mais gelo que bebida.
Chateia-me o Pai Natal com óculos sem lentes e barbas brancas de algodão.
Chateiam-me as canções de Natal, monocórdicas e repetidas no mês de dezembro.
Chateia-me caminhar por uma estrada sem luz.
Chateiam-me as albufeiras a prender e a impedir as águas dos rios de descer e os peixes de subir.
Chateia-me o frio e os dias consecutivos de chuva.
Chateiam-me as picadas dos insectos e as axilas transpiradas no verão.
Chateia-me o aprendiz de ditador, saudosos das medidas absolutistas e do mofo do manto púrpura.
Chateiam-me os excessos da democracia, quando esta fabrica demagogos e desonestos.
Chateia-me ouvir sempre “sim, tem razão, concordo, excelente”, quando se ficou aquém da perfeição.
Chateiam-me as pessoas ingratas, as curiosas demais e as que

procuram pequenas fendas nas paredes dos outros, quando as suas paredes caíram no último dia de vento fraco.

Chateia-me o cheiro a chulé e os sapatos de má qualidade, comprados por uma bagatela.

Chateiam-me as meias de lã duvidosa, vendidas ao kilo nas lojas com cheiro a plástico, ou entre os gritos de vendedores ambulantes nas romarias.

Chateia-me ouvir um acorde de guitarra desafinado.

Chateiam-me os programas de televisão, que fabricam celebridades que cantam e dançam e os abandonam depois acocorados nos seus sonhos.

Chateia-me o ranking das escolas, para aferir sucessos duvidosos, pondo em confronto titânico o ensino público e privado, como se afirmando “a minha gaita toca melhor do que a tua”.

Chateiam-me os exames nacionais, que exigem às crianças esforço maior de estudo, roubando-lhes o tempo de brincar.

Chateia-me ter de dizer num texto tanta coisa que me chateia.

Chateiam-me as horas em não sei dizer nada.

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO	5
PALAVRAS	7
APETECE-ME	8
EXISTE	10
BRAVO COMANDANTE	11
REFUGIADOS	12
DA MESMA FORMA	13
BELEZA.....	14
VERSOS NO OLHAR	15
ALECRIM DOURADO	16
AO SOL	17
REQUIEM.....	18
MOTIVOS.....	19
DIA SEGUINTE.....	20
NOSTALGIA.....	21
NINFA	22
ORQUÍDEA	23
CHEIA DE GRAÇA.....	24
POR DO SOL	25
RUA DO MONTE	26
PRELÚDIO DUM BEIJO	27
BUQUÊ	28
DE SOL VESTIDA	29
ASAS	30
RELÓGIO SEM TEMPO	31
RENDA	32
VIDA	33
NA PALMA DA MÃO.....	34
PESCADOR DE MARÉS	35
ENTRETIDO	36
OLHOS DE VERSOS.....	37
MELHOR	38
OUTRO PERFUME.....	39
PEDRAS.....	40

21 DE MARÇO.....	41
RESGATADA DO CHÃO.....	42
PERTO.....	43
PEDRA NÃO FILOSOFAL.....	44
MODERNA.....	45
CHÃO DE CINZAS.....	46
RUA DO SILÊNCIO.....	47
ATALHO.....	48
48° AO SOL.....	49
SEM EMENDAS.....	50
ESCADA.....	51
RUAS.....	52
NO ESPLENDOR.....	53
CHÃO DE PÚRPURA.....	54
MADRIGAL.....	55
ROMARIA.....	56
MILAGRE.....	57
SEM TEMPO.....	58
BAIXINHO.....	59
HORIZONTE.....	60
VENTO QUE TENHO.....	61
VESTAL.....	62
MANHÃ.....	63
ASSIM.....	64
LUGAR.....	65
SENTIDOS.....	66
FEIRA DE FLORES.....	67
NASCER DO SOL.....	68
ENCANTAMENTO.....	69
FINADOS.....	70
HORAS DE TUDO.....	71
ABRAÇA-ME.....	72
DIZ.....	73
OUTUBRO.....	74
MOSTRA.....	75
EXCESSIVO.....	76

GUARDIÃ DO PARAÍSO.....	77
PORQUE SIM.....	78
LADO A LADO.....	79
VELUDO E RENDAS.....	80
TEMPO DAS MAÇÃS.....	81
PONTO DE MIRA.....	82
OMBRO DE BORBOLETAS.....	83
BEIJO SOLTO.....	84
QUERER.....	85
ALMA AZUL.....	86
FONTE.....	87
ASAS DE GARÇA.....	88
AO SOL.....	89
PECADO DUM ANJO.....	90
PENSAMENTO I.....	91
PENSAMENTO II.....	92
PENSAMENTO III.....	93
PENSAMENTO IV.....	94
PENSAMENTO V.....	95
PENSAMENTO VI.....	96
PENSAMENTO VII.....	97
PENSAMENTO VIII.....	98
PENSAMENTO IX.....	99
PENSAMENTO X.....	100
PENSAMENTO XI.....	101
A MENINA QUE GOSTAVA DE TERCETOS.....	103
PESSOAS I.....	105
HEROÍNA.....	107
PESSOAS II.....	109
A AVÓ ESTEFÂNIA.....	111
PESSOAS III.....	114
FRANCISCO MACHADO, PAI.....	116
PESSOAS IV.....	118
MOMENTOS.....	120
PESSOAS V.....	121
QUE CHATICE!.....	123



Obras anteriores do autor



2008
2008